



**Um calafrio anda pelo
meu corpo: Mário
Peixoto na Inglaterra**
*A cold shuder walks over
all my body: Mário Peixoto
in England*



Denilson Lopes^{1,2}

¹ É professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Autor de *Afetos, Relações e Encontros com Filmes Brasileiros Contemporâneos* (2016) e co-autor, com André Antonio Barbosa, Pedro Pinheiro Neves e Ricardo Duarte Filho, de *Inúteis, Frívolos e Distantes: em busca dos dândis* (a ser lançado). No momento, está desenvolvendo a pesquisa “Dândis, Decadentes e Modernos”, em que procura estudar uma genealogia que vai de Mário Peixoto Otávio de Faria e Lucio Cardoso até alguns filmes do Cinema Novo, em que procura estabelecer um “outro Modernismo” (Paulo Venâncio), diferente tanto da linhagem antropofágico-tropicalista quanto das versões regionalistas. Atualmente recebe bolsa de Professor Visitante no Exterior pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para desenvolver pesquisa junto à Columbia University. E-mail: noslined@bighost.com.br

² Gostaria de agradecer, em especial, a confiança e a atenção de Saulo e Ayla Pereira de Mello, bem como a Filippi Fernandes, do Arquivo Mário Peixoto no Rio de Janeiro.

Resumo: antes da realizar *Limite* (1931), seu único filme, Mário Peixoto vai para a Inglaterra (1926-/1927), onde escreve um diário até hoje inédito em formato de livro. Pretendi apresentar esse material pouco conhecido junto com fotos dessa viagem. O diário revela não só um artista em formação, mas ao escrever em inglês e longe de sua família, traduz uma sensibilidade marcada por uma constante encenação de si, por uma melancolia existencial e a sensação de não pertencimento. Uma questão que me chamou atenção é como a leitura desse diário pode ser repensada por uma experiência *queer* ainda muito silenciada no debate sobre o Modernismo no Brasil.

Palavras-chave: Mário Peixoto; diário; foto; *queer*.

Abstract: before shooting his only movie *Limite* (1931), Mário Peixoto went to England (1926-1927), where he wrote a journal until today not released as a book. I intend to present this little known material together with photos from his trip. The journal shows a young man far from his family writing in a foreign language – English – with a sensibility defined by a permanent staging of himself, by an existential melancholy and by a sensation of not belonging. One noticeable aspect of the text is how this journal can be reinterpreted as a queer experience still silenced by discussions about Brazilian Modernism.

Keywords: Mário Peixoto; journal; photo; *queer*.

Havia um garoto. Talvez estranho, delicado e triste, inseguro, não muito diferente de outros garotos com a mesma idade. Ele foi para a Inglaterra em 1926. Um ano depois voltou. Noventa anos depois de sua viagem eu o encontrei. Quem continuar a ler ouvirá o que ele disse. O recorte na viagem da Inglaterra não é metafórico nem emblemático. Ele não concentra a experiência de toda uma vida, mas qual seria seu o interesse então? Gostaria de acolher aquele momento, de alguém com poucos anos de vida e sem um vislumbre claro de futuro, como ele parece ter vivido aquele ano. Sem dúvida, não teria encontrado esse garoto não fosse a assinatura Mário Peixoto, mas, naquele momento, ele era outro. Por mais que Mário Peixoto tenha carregado algo desse garoto dentro de si, certamente algo se perdeu e se transformou. Trato daquele ano letivo que ficou na Inglaterra, entre 1926 e 1927 ou, mais precisamente, do diário que escreveu a lápis a partir de 1 de janeiro de 1927, em dois cadernos, um com capa que parece de couro e páginas de cores diferentes, outro mais simples, quando estudou no Hopedene College, no vilarejo de Willingdon, próximo de *Eastbourne*, East Sussex, no sudeste da Inglaterra. Isso é o que me interessa. Um ano desimportante. Um lugar comum. Mário, um menino desconhecido, com sobrenome tradicional.

Iniciamos a viagem rumo à Inglaterra, rumo ao desconhecido que pode nos levar a uma singularidade ou não, mas gostaria de sentir 1927, para evocar o desejo de Hans Ulrich Gumbrecht (1997, p. IX) sobre 1926. Não se trata de imergir em outro momento, ou de olhar pelos olhos de outro, mas estabelecer um diálogo pelas sensações evocadas por Mário – mais do que ideologias e acerca de grandes fatos históricos, de resto, ausentes na sua escrita. Sensações estas que talvez possam sobreviver e nos dizer algo nos fragmentos do seu diário, na sua incompletude, na sua fragilidade. Não pretendo, e isso faz toda a diferença em relação à proposta de Gumbrecht (1997, p. XI), buscar uma “ambiência histórica”, mas sim, procuro o que possa se descolar de um único diário, de um único corpo e que, sendo privado, particular, não seja isoladamente singular. Passados 90 anos que a viagem foi feita, não consegui outros testemunhos. Ainda que isso esteja no horizonte, parece ser pouco possível até agora. O College parece não existir mais e não encontrei ainda nenhum arquivo com seus dados e quem teria estudado nesse período. Fora o perfil biográfico escrito por Saulo Pereira de Melo em *Limite* e *Jogos de armar*, a biografia de Mário Peixoto escrita por Emil de Castro, até agora não conheço relatos de seus contemporâneos dessa sua viagem ao exterior, ou mesmo de cartas trocadas, a não ser as que foram incluídas nos *Cadernos Verdes*, diário escrito por Mário Peixoto no Brasil antes e depois de sua viagem à Inglaterra. Os poucos nomes dos que trabalharam ou

estudaram em Hopedene mencionados em *Diário da Inglaterra* não são conhecidos. Possivelmente, todos já morreram também.



Figura 1: Capa e primeira página do diário.
Fonte: Arquivo Mário Peixoto, Rio de Janeiro

O que nos restaria seria uma ficção histórica baseada num diário de um jovem desde cedo fantasioso e, no seu pior, mitômano, não por desejo de escrever ficção, mas por imperativo de construir o que não poderia existir de outra forma? Meu norte é o diário, o que ele diz, o que ele sugere. Não se trata de falar de materialidades, discursos imaginários em que o sujeito é apagado, mas igualmente não se trata de se fixar unicamente num sujeito. Não quero incorporar Mário Peixoto nem emular seu estilo. Estou no intervalo que é o da sensação. Ele e eu.

O aqui chamado *Diário da Inglaterra* foi escrito na época, seguindo o ritmo do calendário, dentro do previsível. Há apenas algumas notas pessoais de inquietações existenciais e sobre seu cotidiano. São *flashes*, momentos, fragmentos sem uma narrativa, no que tem de imprevisito ainda que haja recorrências, repetições da vida cotidiana num *college* de um vilarejo. Tanto quanto se saiba, ele não foi reescrito, revisto³, pensando na publicação, diferente de, por exemplo, *Tempo morto e outros*

³ Trabalhei com o texto datilografado e digitalizado. Só quando o ensaio estava bastante avançado é que tive acesso a uma versão digitalizada do original manuscrito. Conferi o original com o texto datilografado e digitalizado. Os diários inéditos serão citados pelas datas, já que eles não têm as páginas numeradas. Para que os leitores tenham acesso à forma de escrita do diário, o original está no corpo do texto e a tradução feita por mim está em notas.

tempos, de Gilberto Freyre, que também estudou na Inglaterra poucos anos antes de Mário Peixoto. Diferente também dos textos memorialísticos que os artistas modernos escreveram em suas velhices e que se inserem numa longa tradição, mesmo quando tentam reinventar o formato, como Gertrude Stein e Murilo Mendes. Para Barthes (2012, p. 445-446), em “Deliberação”, a facilidade inicial do diário é logo substituída pelo artifício da sinceridade, a mediocridade artística do espontâneo ou, ainda pior para ele, uma pose, associada a ausência de trabalho que faz do diário um gênero fácil. Contudo, é essa precariedade, ausência de planos, de pretensão à grande obra, que até alguns diários pensados ou revistos para publicação têm, que me interessa nesse modesto escrito de gênero menor, demasiado perto da personalidade, diante da hegemonia do impessoal no contexto das vanguardas. Aqui temos um eu frágil, nada convencido de sua importância futura ou de um lugar que almejaria alcançar, que se expõe ao se encenar, mas não se implode ou explode numa orgia de máscaras, no mergulho no inconsciente, nos sonhos e em alteridades múltiplas. Não há um esforço de criar descrições detalhadas da educação no exterior de um jovem de classe alta nas primeiras décadas do século, nem do funcionamento e da rotina de um *college* inglês para além de um certo mal-estar em situações disciplinadoras. Mário Peixoto raramente menciona o que estuda.

Se há um sentido em resgatar esse diário para uma historiografia *queer*, esse parece vir mais das sensações e dos afetos do que de um mero *outing*, na busca ansiosa de um espelho no passado em que possamos nos ver. Contudo, como ver esses que nos antecederam nas suas diferenças e, claro, aproximações? Não há uma ambição explícita ou missão ao escrever, nenhuma grande revelação, mas esse pouco a pouco que cada dia é trazido a Mário transforma-o, imperceptível mas decisivamente, sem que ele próprio consiga notar... Há um gesto pessoal, inútil, uma sensibilidade delicada à procura de uma companhia na escrita, mesmo que seja a dele mesmo? Se parece que nos *Cadernos Verdes*, seu diário posterior, há trechos incorporados ao seu projeto ficcional de toda uma vida, em *O inútil de cada um* não há qualquer vestígio de que o material do *Diário da Inglaterra* tenha sido aproveitado explicitamente depois.

No fim de 2017, logo na minha segunda visita ao Arquivo Mário Peixoto, no Rio de Janeiro, tive acesso, inesperadamente, aos diários inéditos do escritor. Este ensaio será sobre seu diário na Inglaterra, escrito, em inglês, a partir de 1 de janeiro de 1927 por oito meses, quando ele tinha entre 18 e 19 anos. O diário começa quando ele já estava lá. Não sei, portanto, nada da viagem de ida. E termina no último dia. Sem eu também saber como foi a volta. O que é dito interessa menos

por sua veracidade e mais como um dado da sensibilidade – a forma como o jovem Mário sentia e pensava. Talvez haja persistência desses elementos formadores, mas também é importante estar atento às descontinuidades e, certamente, evitar qualquer biografismo redutor da obra – tentar tecer fios sutis entre arte e vida, perceber como a arte pode criar modos de estar juntos e solidões, formas de vida. Mário Peixoto parece dar especial importância à escrita desse diário, como conta no dia primeiro de maio⁴: “I have only three more months to write down in my diary, for after this, perhaps I will [have] no more opportunity! Who knows! What is going to be of you Mário?”⁵. Este chamar a si mesmo em terceira pessoa faz parte do jogo de encenação de si presente durante todo o diário.

No *Diário da Inglaterra*, é mais adequado falar de um campo de sensações do que de um campo intelectual, ao qual ele não se vincula na Inglaterra. Também não há relatos de processos de criação. Embora haja referência a ele estar escrevendo romances e uma peça que parece ter sido ensaiada, caso esses tenham sido concluídos, não tive acesso. Há referência a idas ao cinema e a uma ou outra leitura, mas, de todo modo, os textos artísticos ocupam pouco espaço no diário.

Sabendo que sua estadia, de menos de um ano, seria provisória, a transitoriedade parece constituir uma permanente sensação de perda que povoa todo o diário. Ele dá adeus a cada mês como a amigos. Essa sensação aparece traduzida de forma forte quanto acontece um eclipse solar em 29 de junho de 1927. Ao não poder vê-lo por causa das nuvens e da chuva, a não ser por uma pequena alteração da luz, ele lamenta que o próximo acontecerá só em 1999 e que não o verá, como de fato acontece. Ele morre em 1992, aos 84 anos. E mais: “I confess that I fel [feel] a certain anguish when thinking at my window, that many eyes who were seing today would be long ago dead for the next eclipse”⁶. O tempo passando é uma experiência forte para esse adolescente, no que parece ser a primeira vez em que mora longe da família. É como se traduzisse não só o desejo de voltar para casa, mas carregasse nele um homem velho, uma herança de outro mundo que iria ganhar densidade no que

⁴ Mário Peixoto estava aprendendo inglês. Portanto, o texto será mantido na forma como foi escrita, sem alteração da sintaxe ou de vocabulário. Eventuais correções ou palavras que faltam aparecerão entre colchetes só para facilitar a compreensão, mas não corriji erros pequenos de ortografia nem usei o recurso do “sic” para não sobrecarregar o texto.

⁵ “Tenho ainda três meses para escrever meu diário. Depois disso talvez não terei mais oportunidade. Quem sabe! O que será de você, Mário?”

⁶ “Confesso que sinto uma certa angústia pensando, ao olhar pela minha janela, que muitos olhos que estão vendo hoje o eclipse estarão há muito tempo mortos quando acontecer o próximo.”

faria depois, o que chamo de sobrevivência anacrônica, ambiência decadentista e sensibilidade dândi.

Voltar ao Modernismo não significa voltar aos valores canônicos da Modernidade. Seria também insuficiente dizer que a busca se dá pelo que foi recalcado, marginalizado ou silenciado. E, então, para que esse mergulho pelas sensações? Interessam-me, além de Mário Peixoto, Octavio de Faria e Lúcio Cardoso, em especial, e a possibilidade hipotética de um circuito de intelectuais cosmopolitas, modernistas, católicos, portanto em grande parte conservadores ou absenteístas politicamente. “Cronistas da casa assassinada”, para usar a expressão de Sérgio Miceli (1979), não só por vínculos de classe, mas pela percepção do mundo, *queers* e interessados em narrativas da intimidade, opondo-se aos “nordestinos”, para usar o termo de época, para se referir a escritores com engajamento político mais à esquerda, mesmo que não fossem nordestinos, em contraponto aos “católicos” (SANTOS, 2001), poderíamos dizer, mesmo que defendessem pública ou esteticamente o catolicismo, como instituição, e seus dogmas. Pela proximidade da sensibilidade, penso que a eles poderiam ser associados nomes como os de Cornélio Penna, Oswaldo Goeldi, Ismael Nery e Murilo Mendes, para mencionar alguns artistas do período com interesse para esta pesquisa. Eles se distinguem de uma herança interessada na formação de uma cultura nacional, tanto a partir de Mário de Andrade quanto de uma linhagem antropofágico-tropicalista, e do romance regionalista nordestino dos anos 1930, mais engajado socialmente – vertentes mais hegemônicas na história dos modernismos brasileiros.

Neste ensaio, no entanto, me detenho ao momento anterior à aproximação do meio intelectual e artístico carioca do fim do anos 1920 e dos anos 1930. Ficamos por ora com Mário Peixoto, neto de Joaquim José de Sousa Breves (PESSOA, 2018), maior plantador de café do império, mais ativo traficante de escravos de sua época (MELLO, 1996, p. 19) e dono de 20 fazendas no sul do estado do Rio de Janeiro. Aos 18 anos, Mário Peixoto parte para estudar no Hopedene College. Trata-se de um *college* só para rapazes, como era de praxe então, que parece não existir mais e até agora não consegui ter acesso a eventuais arquivos sobre ele e seus estudantes. Nada poderia antever o que lhe aconteceria alguns anos depois, e não é isto o que procurei. Ele era uma possibilidade, como muitos jovens, para exatamente o que o diário pouco sugere, e seria mesmo injusto querer achar nele, de forma retrospectiva, o diretor de *Limite* (1931) – que teve sua estreia no Cineclubes Chaplin, foi seu único filme concluído e gradualmente alçou-se ao título de melhor filme da história do cinema brasileiro pela crítica. No mesmo ano, em 1931, ele publicou seu único livro

de poemas em vida, *Mundéu*, e em 1935, *O inútil de cada um*, a primeira versão e primeiro volume de projeto de *roman fleuve* que lhe ocupará até o fim da vida, permanecendo até hoje em grande parte inédito, mas já quase todo digitalizado no Arquivo Mário Peixoto, com suas centenas de páginas.



Figura 2: Mário Peixoto em Hopedene College.
Fonte: Arquivo Mário Peixoto, Rio de Janeiro

Quando Mário Peixoto chegou à Inglaterra, ganhou uma máquina fotográfica de sua avó, mas apenas a algumas dessas fotos teve acesso. Antes de começar a me deter em seu diário, olho uma foto de Mário Peixoto em Hopedene. Um gesto só pode ser recuperado por outro gesto, só pode ser evocado por outro corpo que, ao receber um toque, um olhar, ecoa em si o tremor, o fulgor de outrora. Por um bom tempo era a única foto que tinha de sua estadia em Hopedene. Ombro arqueado. Olhar enviesado. Oblíquo. É uma foto conhecida, fácil de achar na internet, em que ele está de pé, o segundo da esquerda para direita entre seus colegas e com, possivelmente, os professores sentados. Podemos identificar facilmente seus dois amigos japoneses, Hidé e Nishi, presenças constantes no seu diário. Seria a única mulher, Mrs. Descombes, a governanta? E Nicholas, o amigo muito admirado e que conhece mais ao final de sua estadia, estaria nessa foto? De todo modo, ele não só tirou e enviou fotos à sua avó, como também se deixou fotografar, inclusive, como aparece registrado, em 22 de fevereiro, no Ladislaw Studio, fascinado pelo mundo das estrelas de cinema:

I posed in different position an I hope that at least one of them is going to be satisfactory . All I want is to cause a good

impression to those whom I intend to send my photo. Perhaps if something of a “film star” is going to be remembered in my photo, I will have an enlargement made. Ah Mário! You are always the same! Childish and plenty of imagination! That is no good for real life⁷!

Ele reafirmará a importância da imaginação por meio de um personagem de *O inútil de cada um* (1984, p. 178), em trecho registrado como se fosse um diário:

A realidade para mim não tem consistência; o que é que se há de fazer...?! Eu constato e tal, mas absolutamente não tomo parte... É como se não fosse... Não há dúvida que eu a vejo, mas só. E se me refiro a ela – mas aquilo não me penetra – é num tom ou num pensamento em que a gente se refere às coisas que não constam nem impedem porque não afetam.

Mais do que mistura, essa indecisão entre realidade e fantasia será importante por toda sua vida, menos como mitomania, mais como desejo de viver a felicidade do impossível, para citar frase de Ludwig no filme homônimo de Visconti. Ou simplesmente na aposta do poder da ficção, na ficcionalização mesma de sua existência, segundo relatos de quem conviveu com ele, a começar por Saulo Pereira de Mello, responsável pelo Arquivo Mário Peixoto⁸, mas também perceptível na consciência da foto como produção de sua imagem, em consonância com *A thousand words: portraiture, style and queer modernism*, de Jaime Hovey (2006), livro sobre os intelectuais modernistas e sua relação com a fotografia. Seu desejo de ser ator (15 de março) talvez diga respeito ao desejo de ser outro e de encenar a si mesmo, como aparece ao se referir a si, uma vez mais, em terceira pessoa: “Am I not to day a sportsman? Perhaps you are trying to be Mário”⁹ (3 de maio).

Além do mais, se as fotos, seguindo Hovey, foram espaços privilegiados de uma expressão *queer*, homoerótica, no Modernismo, não deixa de ser sintomático que justamente as que tirou parecem ter sido o motivo de desagrado de sua família, pois, em uma delas, como relata Saulo Pereira de Mello (1998) em entrevista à

⁷ “Eu posei em diferentes posições, espero que ao menos uma delas fique razoável. Tudo o que quero é causar uma boa impressão para quem pretendo mandar minha foto. Talvez algo que lembre uma, “estrela de cinema”, possa ser visto na minha foto. Farei uma ampliação dela. Ah Mário, sempre o mesmo. Infantil e cheio de imaginação! Isto não é bom a para vida real!”

⁸ Sua prima Elza Rodrigues Peixoto diz: “ele misturava as coisas da realidade com a ficção. Romanceava tudo” (CASTRO, 2000, p. 31).

⁹ “Não sou um desportista? Talvez você esteja tentando ser, Mário.”

Folha de São Paulo, estaria de mãos dadas com um de seus colegas. Ou seriam braços dados como na foto abaixo?



Figura 3: Mário Peixoto entre seus amigos Nishi e Hidé.
Fonte: Arquivo Mário Peixoto, Rio de Janeiro

Esse gesto de afeto entre homens, demonstrado pela alegria e prazer de estarem juntos, significasse o que fosse na época, parece não ter sido bem recebido pela sua família. Nos *Cadernos Verdes* aparecem cartas de sua prima, da qual não sabemos o quanto foi inventada ou reescrita¹⁰ por Mário Peixoto quando decide trabalhar esses textos para publicar.

¹⁰ Nos *Cadernos Verdes*, ele insere cartas de sua prima, mas há uma curiosa referência em que diz que inventou as cartas. Por sua vez, a digitadora reconstrói trechos de cartas a partir de trechos de seu romance *O inútil de cada um*. Talvez nunca encontremos essas cartas trocadas, mas, verdade ou não, trata-se de um drama que Mário Peixoto construiu para encenar esse seu momento de vida.

No *Diário da Inglaterra*, em 26 de maio, Mário Peixoto diz:

I received awfull letters from Cornelia and Olga. My photografes have been a very scandal to my family. I am nearly mad and very unhapy! I cant realize why they took the matter so seriously! I do hope Nella will do something for me! I cant write anymore and I am sick with desgosts¹¹.

E tal estremecimento com a família parece persistir dois meses depois, pois em 25 de julho ele diz: “I think that must have been something wrong with dady because there is two months since I received the last letter from home. I dont wonder if later on I shall discover that all this is caused by my photos”¹². É evidente que o mal-estar da família estaria associado a uma masculinidade frágil, mesmo afetada, de Mário, num momento em que o afeminamento (SINFIELD, 1994), após o julgamento de Oscar Wilde, cada vez mais traz a marca da homossexualidade, distinta de uma masculinidade aristocrática. A pose, em vez da confissão ou do testemunho, aponta para uma forma de construção de uma subjetividade que encena a si mesma com ecos do dandismo. Dessa forma, diferente de uma leitura formalista e impessoal do Modernismo, esse parece ser um modo mais sutil de articular arte e vida.

Para entender a relação com seu corpo, podemos, por exemplo, falar sobre a vergonha, sentimento tão explorado pelos estudos *queer* nos últimos anos, em contraponto ao orgulho. Vergonha, que aparece em Mário Peixoto por não pertencer, não fazer parte de onde estava, e timidez, ambas tão típicas das imagens do adolescente gay antes de Stonewall (SEDGWICK, 2003, p. 63). A liberdade de dizer o que talvez não ousasse se falar em público estava no seu diário. Vergonha por não poder ver ninguém discutindo (10 de abril) ou para não incomodar os amigos que estão com visita. Por delicadeza bem pode se perder uma vida, como disse Rimbaud em “Canção da mais alta torre” ou, pelo menos, a possibilidade de um encontro.

Vergonha ainda pelo seu próprio corpo como podemos observar em 21 de maio, quando ele se refere a um comentário de Miss Goldsmith, namorada de Nishi, curiosamente chamada pelo sobrenome e não pelo nome:

I am now very upset, because Miss Goldsmith gave me advise not to be so effeminate. I really think that is is right because sometimes

¹¹ “Recebi cartas terríveis de Cornelia e Olga. Minhas fotografias foram um verdadeiro escândalo na minha família. Estou quase louco e muito infeliz. Não entendo por que eles levaram essas fotos tão a sério. Espero que Nella faça algo por mim. Não posso escrever mais e estou doente de desgosto.”

¹² “Penso que deve haver algo errado com meu pai porque foi há dois meses que recebi a última carta de casa. Não quero saber mais tarde que tudo foi causado pelas minhas fotos.”

I do really be girlish! How as I am discussing with my own mind, I can say that of girlish I only own exterior. My interior, only I know how maly it is! But this sort of thing is worrying me quite a lot. It is not any fault to be to much kind and delicate because this is the fruit of being almost educated between girls. But from to day I settled in mind to correct my self and in spaint I thank miss Goldsmith very much. I am very glad because my friend would not find a wife with better qualities¹³.

Essa vergonha do afeminamento, explicitada aqui, pode ser entendida como o estudado pânico da homossexualidade, a partir da segunda metade do século XIX. Seria isso que promoveria também o apagamento das fotos da sua história pessoal em prol do que os filmes, o romance e os poemas dizem? O fato de Mário Peixoto usar “maly” no lugar de “male”, para além de um erro de escrita, poderia nos dizer de uma masculinidade rasurada, estranha, que ele não corrigirá ao se afastar cada vez mais da família? Essa mistura de vergonha, timidez e ousadia presente nas fotos tem um desdobramento na escrita dos *Cadernos Verdes*, diário escrito posteriormente, bem como nas imagens e textos que escreveu ao mesmo tempo ou, talvez, ainda no texto da vida que nem sempre é escrevível – ou, se é escrito, não o é como confissão. De todo modo, nessas poucas fotos há uma vitalidade nos momentos de alegria e encontro que nada nem ninguém lhes pode tirar, apesar do próprio tempo. Há uma sobrevivência da alegria, do arrebatamento de uma presença.

Deixando de lado as fotos, retomamos a questão: por que ler esse diário não fosse para estudar o artista quando jovem? Por que estudá-lo dessa forma se então não era ele ainda artista? Como ele fala em 25 de março de 1927, em seu aniversário de 19 anos: “Really, till now I have not done anything which really I want [...] I would like to be an actor. Is wall [all]. I want in this world, and for this, I have not yet done anything”^{14, 15}.

Mais diante do diário, por que não nos deixamos caminhar pelas incertezas, dúvidas trazidas por essas notas sintéticas feitas numa língua que ele não dominava e,

¹³ “Estou muito perturbado porque Miss Goldsmith me deu um conselho para ser menos efeminado. Penso que está certo porque algumas vezes pareço uma garota. Pensando comigo mesmo digo que meu exterior é feminino/girlish. Meu interior só eu sei quanto masculino/maly é. Este assunto me preocupa muito. Não é defeito de ninguém ser gentil e delicado tanto mais porque fui criado no meio de meninas. Mas de agora em diante vou me corrigir e agradeço muito a Miss Goldsmith. Fico muito feliz porque meu amigo não encontraria uma esposa com melhores qualidades.”

¹⁴ “Realmente, até agora não fiz nada que eu realmente quisesse... Gostaria de ser um ator. É tudo que eu quero neste mundo, mas para isto não fiz nada.”

¹⁵ Na volta ao Brasil, é apresentado a Brutus Pedreira, que o leva para o Teatro de Brinquedo, importante experiência do teatro moderno no Brasil. Conhece os irmãos Silvio, Raul Schnoor e a irmã Eva, bem como Adhemar Gonzaga e Pedro Lima, e chega a participar em uma peça como ator em 1931 (ASSANO, 2012), atuando também em *Limite*, que é lançado nesse mesmo ano.

talvez por isso, o permitisse falar o que ainda não conseguia em português? Há no *Diário da Inglaterra* uma precariedade linguística e afetiva. Língua e afeto parecem campos estrangeiros, razão pela qual mantive o texto, ao máximo, como foi escrito, alterando só quando haveria dificuldades de compreensão. Palavras em estruturas simples para dar conta das suas inquietações, como em *Lost, Lost, Lost* (1976) de Jonas Mekas. A língua pode se aprender, mas como nomear o arrebatamento do encontro? O que o toma e o atravessa nesse país estrangeiro, longe da família? O que o faz alegre ao estar com Nishi e Hide, amigos durante toda a estadia? As palavras parecem insuficientes quando conhece Nicholas! O diário seria um espaço tão estrangeiro quanto a Inglaterra, mas talvez por meio do qual pudesse experimentar com mais ousadia o falar de si.

No diário, ele encontra um espaço seu: “If I kept a diary it is because I want to have something almost only to my-self! I am quite believing that my diary has got the ‘t’!” (9 de maio)¹⁶. O sentido do diário para ele era se defrontar com suas reservas, mesmo com a precariedade linguística que não quer alterar, os erros ortográficos que não quer corrigir:

Some times I really Wander [wonder] what is the good to write a diary! Here in these leaves [pages] I put all my thoughts, with any reservation at all. Are they interesting? Are they so well described that later on I will have pleasure in reading again those pages? I don't know! Really, this diary of mine is plenty with orthographics mistakes. I am reading it again, I am certain that I could correct many things, because after all I have improoved my English a great dill [deal]! But on the other hand, I think that if I will do that I am going to spoil all the picturesque and characteristic condition in which my diary has been written. Perhaps, who knows? Some day I will appreciate those simple lines, written with the inexperience of a student and strenght and visions of youth. Perhaps many and many years from today, in reading again those lines I will say in a sigh! Ah my nineteen years! How much I like to return to you again! But still this is a thing to happen, *perhaps* it will take yet a long time and perhaps (who knows) never will happen! (Today has been Sunday!). (15 de maio)¹⁷

¹⁶ “Se eu mantive um diário é porque tenho prazer em querer ter algo só para mim! Quase acredito que meu diário é isto.”

¹⁷ “Algumas vezes, quero saber qual é a vantagem de escrever um diário! Aqui nestas páginas coloco meus pensamentos sem reservas. São eles interessantes? São eles bem descritos de modo que mais tarde tenha prazer em ler estas páginas? Não sei! Realmente, este meu diário está cheio de erros ortográficos. Estou relendo-o. Poderia corrigi-los porque enfim melhorei muito meu inglês! Mas por outro lado, penso que se o fizer ele perderá a condição peculiar e pitoresca em que o diário foi escrito. Talvez, quem sabe?, um dia apreciarei estas linhas simples, escritas com a in experiência de um estudante e a força e visão da juventude. Talvez muitos e muitos anos depois de hoje, lendo estas linhas direi como numa visão! Ah meus dezenove anos! Como gostaria de voltar a eles novamente! Mas isto é algo a vir, talvez demorará muito tempo ou quem saber nunca acontecerá! (hoje foi domingo).”

E houve muitos domingos marcados pelo vazio e pela solidão, como os de todos que, não tendo família nem outras redes de afetos, ficam sem saber o que fazer longe do trabalho e do estudo, tendo que inventar seus dias como a si mesmos se querem viver, e sobreviver. O aprendizado na e pela solidão ainda seria longo. Seria ele forma de enfrentamento do tédio? A memória da sensação dos domingos e feriados é física, material, não abstrata, intelectual:

When I remember the first day of our last hollidays, I feel a very strange sensation. I want only to continue, but never to come back [...] Not even to remember those ancient times here in Hopedene please me. I mean, when I began to revive the time I arrived here, a cold shuder walks over all my body. (5 de abril)¹⁸

Sentia saudade da fazenda de Santa Cecília, de sua avó, de Petrópolis. Chega a aproximar a chuva da Inglaterra à de Petrópolis. Onde a fantasia? Onde a realidade? O próprio período que está passando é visto assim: “As I said before I like to see the time run quickly. I am in a dream, and I hope to awake only in June”¹⁹ (31 de janeiro).

Volto a me perguntar o que posso reter desses escritos. Sem muitos fatos e outros depoimentos, como encenar uma história com tão pouco? Como encontrar essa solidão a não ser com outra solidão? Ou resgatar sensações como a do calafrio ou de gostar de dias escuros e chuvosos quando podia ir ao cinema:

I like darkness I mean, a rainy day, in which you stay in a very good disposition and ready for anything who comes. That is why I enjoyed to day very much. My Vósinha also likes days like that and I remember with sadness, many and many afternoons in Brasil, which we spent toguether in the pictures because it was cold, dark and rainy. (17 de março)²⁰

Deixemos, então, seguir as notas como os dias de um mundo há muito acabado, após a Primeira Guerra Mundial que dilacerou a Europa e dois anos antes

¹⁸ “Quando me lembro do primeiro dia de nossos últimos feriados, sinto uma sensação estranha. Quero seguir, nunca retornar... Mesmo quando lembro aqueles momentos antigos em Hopedene que me agradam. Quero dizer, quando começo a reviver o tempo que eu cheguei aqui, um calafrio anda por todo o meu corpo.”

¹⁹ “Como disse antes gosto de ver o tempo passando rapidamente. Estou num sonho e espero acordar só em junho.”

²⁰ “Gosto da escuridão, digo, de dias chuvosos (como este em que estamos), nos quais fico com boa disposição e pronto para qualquer coisa que venha. Gostei muito de hoje. Minha avó também gosta desses dias e me lembro com tristeza as muitas e muitas tardes no Brasil que passamos juntos no cinema porque estava frio, escuro e chuvoso.”

da Crise de 1929 que enterraria muitas fortunas, levaria tantos ao suicídio e milhões ao desemprego e à pobreza. Nem o passado social nem o futuro das nações parecem atingir Mário Peixoto em seu diário. Talvez por não ser o que lhe importava colocar no diário. Talvez simplesmente porque não lhe importava naquele momento, se perdendo e se encontrando no seu mundo isolado de *college* inglês do qual fala mais do que acontece no tempo livre do que de suas rotinas escolares – a não ser quando há algum dissabor. É uma vida regrada que se quebra por eventuais saídas. Volto a olhar a foto com seus colegas, seu corpo posado, claramente afetado. Magro e frágil. Um ombro mais baixo do que o outro. O olhar enviesado. O que ele quer ainda nos dizer?

Já a epígrafe do diário nos indica um caminho: “Every day gone has to me the value of a pearl took out from a neck lace...”²¹. Uma imagem da fugacidade do tempo em consonância com certo crepuscularismo decadentista anacrônico na década de 1920. Também o dia tem uma dimensão de beleza e artifício num objeto feminino, o colar. Após o colar, um beijo na fotografia de sua mãe, que morreu em 1922 – é o que abre o ano e o diário, bem como as muitas menções à sua avó e suas primas, que estabelecem já uma linhagem do afeto no feminino. Na Inglaterra, ele fica fora dessa linhagem feminina de amparo e carinho. Se torna adulto quando não se é mais filho, e foi essa experiência de distância e solidão que se descortinou para Mário e que as cartas à avó e às primas procuravam evitar. Ao pai ele manda as tentativas de ficção, sobre a qual não sei a resposta, mas a censura, compra e queima da primeira edição de *O inútil de cada um*, em 1935, por ele, deve ser lembrada: “Really, today I have been very and very unhappy. I received many letters from home and principally one from my Grand mother pleased me very much. But after I began to think and think and all that was so bright and gay, seemed to me dark and dull [...]”²² (1 de fevereiro)

Poucas figuras femininas²³ aparecem na Inglaterra, como a governanta Mrs. Descombes, Miss Goldsmith, já mencionadas, e Mrs. Ellis (mulher do professor?), mas

²¹ “Cada dia que se passa tem para mim o valor de uma pérola retirada de um colar.”

²² “Realmente, hoje eu estou muito, muito triste. Eu recebi várias cartas de casa e principalmente uma de minha avó me agradeu muito. Mas após isso eu comecei a pensar e a pensar e tudo que era tão brilhante e feliz me pareceu sombrio e maçante.”

²³ Os espaços predominantemente monossexuais de homosociabilidade e homoafetividade possibilitam distintas formas de afetos emergirem, que podem ou não ser marcadas por misoginia, como em 13 de maio: “I have had my first leçon of boxing. I mean it is the most delicious thing I know. I do hope to become a expert very soon, so that I might box my wife of some times she is nasty”. (Tive minha primeira aula de boxe. Acho ser a mais agradável coisa que conheço. Espero que eu aprenda rápido para que eu possa bater na minha esposa se ela fizer algo de mau).

elas parecem ocupar um lugar tenso e ambíguo, pouco acolhedor. Mrs. Descombes parece ser a governanta da casa que lhe dá ordens, como para arrumar a cama. Miss Goldsmith seria a futura esposa de Nishi e aparece como intrometida pedindo para ler o diário de Mário. Por que ele a chama de “*dark angel*”? Ciúme? “*Dark angel*” seria uma associação ao diabólico? Como já destaquei, é ela quem chama atenção ao afeminamento de Mário. “I say, Miss Goldsmid has gone to London with Nishi, but I think that it is better to say anything else, because after all the poor lady is going to think herself a dark angel” (6 de abril)²⁴.

Já as amizades masculinas ocupam um longo espaço em seu *Diário da Inglaterra*, em especial Hidé e Nishi, seus dois grandes amigos na estadia em Hopedene. Sobre eles pouco sei, mas talvez fossem filhos de um médico que trabalhava na corte imperial japonesa. Eles faziam passeios juntos, iam ao cinema em Londres, onde Mário chegou a dormir, na casa de Hide. Com ele joga golf, tênis e anda de bicicleta, apesar da proibição de ir na garupa. Seria essa proibição feita para evitar que os garotos saíssem juntos, “as amizades particulares” encenadas por Roger Peyrefitte e por Raul Pompeia em *O Ateneu*? Faria parte dos mecanismos de controle de envolvimento afetivo num *college* exclusivamente masculino? “Nothing unusual happened, only I went to town behind Hides bycle, so I deceived once more Mr. Ellis! Ah Mário, noty! noty! I don’t care two pence for the forbidden fruit is always the best!” (2 de junho). Também dançam maxixe e Nishi chega a ler o seu diário, o que não parece desagradá-lo, diferente do pedido de Miss Goldsmith, sempre citada assim. Diferente dos livros mencionados, as relações aqui se mantêm num campo dos limites de uma homosociabilidade masculina aceita pela instituição (o *college*), que parece tolerar estas pequenas escapadas. É pelo diário, contudo, pelo uso de algumas palavras e atitudes, que percebemos um encantamento adolescente da parte de Mário que ultrapassava a camaradagem e a amizade deserotizada. Assim como a masculinidade aparece rasurada, também aqui o amor entra pela proximidade da palavra com o português: “I have never had friends in my life but I think that now I found two. Nishi and Hidé are lovely boys. I think that the only thing I am going to leave in Hopedene that really I cared much are those two friends” (29 de janeiro)²⁵.

²⁴ “Digo, a Miss Goldsmid foi para Londres com Nishi, mas eu acho que é melhor dizer outra coisa qualquer, porque, afinal de contas, a pobre mulher vai achar que é um anjo do mal.”

²⁵ “Nunca tive amigos na minha vida mas acho que encontrei dois agora. Nishi e Hidé são garotos adoráveis. Acho que a única coisa que importa que terei de deixar em Hopedene são estes dois amigos.”

////////////////////////////////////
A grande dependência dos amigos faz dele “a dog without his master”²⁶ (20 de abril). A amizade misturada ao encantamento fala só de um afeto ou de um desejo que não poderia ser dito, expresso, em especial em relação a Nishi, justamente o que tem namorada, tornando a expressão e, talvez, a correspondência do afeto ainda mais difícil? O amor, no diário, com exceção do uso do advérbio “lovely”, só é evocado num poema, em sua contracapa:

I love Love – thoughts he has wings, and like light can flee, but
above all other things. Spirit, I love thee! ²⁷

Amar o amor ou evitar dizer quem se ama? Haveria alguém por trás do espírito que ele dizia amar?

A ausência, mesmo que por poucos dias, de Nishi, lhe dá uma sensação de vazio.

Nishi is going away tomorrow! I am so depressed and sad that I
d’ont know what to do of my-self. Hopedene is going to became
so empty without him! I feel emphiness around me. Some
thing tight my heart and make me very and very unhappy! How
I can understand that what is saving me here in Hopedene are
my two dear friends. (30 de abril)²⁸

E quando a separação final acontece, novamente a foto ocupa um lugar na tentativa de manutenção dos afetos e vínculos: “So at last one of the cruels days of separation arrived. Miss Goldsmith is going away tomorrow and so is Nishi²⁹. As a remembrance [I] gave to each *both* a photograph of mine, but what is it in comparation of the great amity [friendship] that I have for them?” (24 de maio, grifo nosso)³⁰.

Para entendermos um pouco mais essa preocupação de Mário Peixoto pela própria imagem, gostaria de chamar atenção para a chegada, em junho, de um novo garoto, Nicholas, por quem sente imediata atração e que dá novo ânimo e consolo a Mário em meio aos outros estudantes, os quais considera porcos e

²⁶ “um cão sem dono.”

²⁷ “Eu amo o amor – embora ele tenha asas/E como a luz pode voar/E acima de tudo/ Espírito, eu te amo!”

²⁸ “Nishi parte amanhã! Estou deprimido e triste e não sei o que fazer de mim. Hopedene ficará vazia sem ele! Sinto o vazio ao meu redor. Algo aperta meu coração e me faz muito, muito infeliz! Como posso entender que o que me salva aqui em Hopedene são meus dois queridos amigos.”

²⁹ O estranho é que Nishi aparece logo depois no diário. Mais vale uma cena do que uma verdade? Trata-se então da encenação de uma partida e do sentimento de perda antecipado? A partida parece ser dia 7 de junho, e não 25 de maio.

³⁰ “Então o dia cruel da separação chegou. Miss Goldsmith parte e também Nishi. Como lembrança dei a *cada um* uma foto minha, mas o que é ela em comparação com a grande amizade que tenho por eles?”.

malvestidos. Em 2 de junho: “There is a new boy here in Hopedene, Nicholas Greec. He is quite smart, I mean cute!”³¹. Esse fascínio continua e se traduz não só por uma intensa felicidade, mas também no desejo de copiar seus ternos: Em 4 de junho: “Lovely spent day. Nicholas is a very nice boy and awfully smart. I have had occasion of seing his suits. It seems almost that he is the most smart young man I ever saw. I think I wil ask him to have one of his suits copied”³². E, de fato, ela passa a copiar roupas e sapatos de Nicholas.

De resto, as compras, em especial roupas, junto às idas ao cinema, ocupam um bom lugar no seu tempo. Já bem antes de sua volta: “Empty brains, empty day, empty everything. I am going to write a liste of the things which I am going to buy before returning home! [It] Is very soon for this, but like that I have many time to think about it”³³ (30 de maio). A aparência ocupa seu tempo, faz parte de um cuidar de si, não só pelas fotos e compras, embora não compense a ausência dos amigos: “I have been in Eastbourne to have my hair cut. Now I am quite cute, but what is the good to be cute if I am not toguether with my friends!?”³⁴ (5 de abril). Há mesmo uma curiosa e estranha referência em 20 de maio: “From 3 to 4½ I have been putting [?] my eyebrows right with my new trousers. If I continue to take to[o] much out soon I will have none and it will be schocking”³⁵. E parece ser importante, para ele, não chamar atenção.

Esse gosto por roupas persiste, como se pode ver na coleção de sapatos que deixa quando morre (CASTRO, 2000, p. 52), e é mais um indício de associação com o dandismo, como será percebido quando vai a Mangaratiba, antes de filmar *Limite*: “um tímido, recatado na linguagem e nos gestos”, “um dândi” (CASTRO, 2000, p. 24). Alguém para quem os menores gestos na vida – como o gosto por colecionar insetos quando criança e objetos raros quando se retira na Ilha do Morcego –, são tão importantes quanto o trabalho, as grandes tarefas, a obra, os quais são cuidadosamente

³¹ “Há um novo garoto em Hopedene: Nicholas, um grego. Ele é inteligente, digo bonito.”

³² “Dia agradável. Nicholas é um bom garoto e terrivelmente inteligente. Tive oportunidade de ver os seus ternos. Ele parece o rapaz mais inteligente que eu conheci. Acho que vou pedir a ele para deixar copiar seus paletós.”

³³ “Cérebro vazio, dia vazio, tudo vazio. Vou escrever uma lista de coisas a comprar antes de voltar para casa. É muito cedo para isso mas como tenho muito tempo para pensar sobre isto.”

³⁴ “Estive em Eastbourne para cortar meu cabelo. Agora estou bem bonito, mas de que me serve se não estou com meus amigos?”

³⁵ “Das 3:00 às 4:30 experimentei minhas calças novas e tirei minhas sobranceiras. Se continuo a tirar muito as sobranceiras, logo não terei nenhuma e será escandaloso.”

encenados. Atitude violentamente criticada por Octavio de Faria, amigo desde a infância, em carta de 26 de julho de 1929, numa busca de uma descrição mais acordada com padrões vigentes de masculinidade:

Devo falar nisso? Não devo? Pouco me importa... vou adiante sem cerimônias. Mas o que quer você, eu não posso engulir essas suas roupas de almofadinha e esses seus sapatos de cobertinha de couro para os cordões... de... nem quero dizer o que... Ora, seu Mário, vamos deixar isso para quem não tem *mais nada* e que precisa disso para ter com que se ocupar – você ainda se há de convencer que no Brasil como na Europa *faz parte de um verdadeiro homem* não se preocupar com roupas. Não digo que ande mal vestido, sujo... Mas existe o meio termo da roupa que não chama atenção e do sapato liso – ainda que de bom couro. Para as pessoas, para com as quaes a natureza não foi muito lisongeira – como nós dois, se me perdôe a franqueza e a companhia, isso é *indispensável*. É um meio de defeza, de tornar a vida menos amarga. Um dia você concordará comigo [...]. (*Cadernos Verdes*, s.d., grifos do autor)

A carreira como ator ou galã romântico não ir pra frente também seria algo a ser discutido, mas é a imagem do celibatário, embora não solitário, que se constrói. O diário é uma estória feita dos corpos vislumbrados e desejados, de toques recebidos ou interrompidos, de gestos. No toque ou no gesto, há algo sempre que escapa à representação, mesmo quando imobilizado num quadro, numa escultura, numa foto, numa lembrança.

De todo modo, os poucos amigos foram um contraponto ao desgosto com Hopedene e sua rotina, como aparece várias vezes no diário, e a sensação de estar perdendo tempo:

Some times I wonder if I am not waisting [wasting] my precious youth in this whole [hole]! Another time I realise that if I am not improving very much, at least one thing I am learning, and this thing is the English language³⁶.

Para além da irritação com Hopedene, ela se estende a um mal-estar com os ingleses: “English is a people very cold and hard”³⁷ (13 de março). A saudade das primas com quem poderia abrir seu coração (19 de março) parece sugerir não ter

³⁶ “Às vezes penso se não estou desperdiçando minha preciosa juventude neste buraco! Em outro momento percebo que não estou me aprimorando muito. A única coisa que estou aprendendo é inglês.”

³⁷ “Os ingleses são um povo frio e duro.”

confidentes na Inglaterra, incluindo os amigos japoneses, mesmo sendo eles gentis (20 de março).

O que fica desse período é um rapaz sensível, ousado, tímido, delicado, dependente dos amigos, sempre receoso em ofender. A ousadia parece estar mais na escrita do diário do que na vida, ou talvez fosse ela que possibilitasse seus pequenos atrevimentos, como diz em 7 de maio, “tudo que lhe vem à cabeça”. Apesar dos amigos, ele se vê preso numa gaiola, como certos personagens de Tennessee Williams, ou seria certa tendência à superdramatização? Ele se despede dos lugares, de pessoas com as quais não teve intimidade e que ganham novo sentido pelo fato de nunca mais voltar a vê-las, e também pela sensibilidade de quem desde cedo parece ter dependido da gentileza de estranhos.

Last day of Gymn. Captain Hill was very kind with me during the 10 months I have been in the Gym. At last, as everything in the world has an end, my last day o Gymn arrived. Is it not life funny? Certainly I will never more see Cap. Hill, and however I have been learning with him for ten months. It seems even a dream. I looked for the last time to the stablishment and said goodbye to everything. I confess here my diary, that I had tears in my eyes... A good by for ever.... is it not cold and hard? (21 de julho)³⁸

O fim do diário se dá num limiar pelo prenúncio da viagem, pela volta a falar a língua portuguesa, bem como por não saber o que fazer depois. Em 5 de agosto (última passagem do diário) ele escreve:

Went to London and bought the ticket for the Alcantara. It starts on the 24th of this month. It is a lovely ship but I am somehow dizzy. Mr. Ellis was very kind and took Edu and I to lunch at the Trocadero. What a lovely place. Afterwards we went to the Brazilian Consulate and the portuguese language sounded to me very stangely. We walked all over London and now here I am in bed thinking and thinking very hard, for I have such a lot to do that I dont know from where to begin³⁹.

³⁸ “Último dia de academia. Capitão Hill foi muito gentil durante os dez meses em que eu estive na academia. Tudo no mundo tem um fim e meu último dia na academia chegou. Não é a vida engraçada? Certamente, nunca mais verei o Capitão Hill e, no entanto, estive aprendendo com ele por dez meses. Parece mesmo um sonho. Olhei pela última vez para o lugar e me despedi de tudo. Confesso aqui no meu diário que tinha lágrimas nos meus olhos... Um adeus para sempre... não é frio e duro?”

³⁹ “Fui para Londres e comprei o bilhete para o Alcântara. Ele parte no dia 24 desse mês. É um belo navio e estou de algum modo tonto. Mr. Ellis foi muito gentil em me levar e a Edu para almoçar no Trocadero. Que lugar maravilhoso. Depois fomos ao consulado brasileiro e a língua portuguesa me soou estranha. Andamos por toda Londres e agora estou na cama. Pensando e pensando bastante porque tenho muito a fazer e não sei por onde começar.”

Se silêncio, exílio e ironia são as respostas que o artista quando jovem de James Joyce é capaz de dar com a chegada da vida adulta, a Mário Peixoto lhe restam outras respostas como teatralidade, inutilidade e sensação. Restou, sobretudo, o mar que atravessou na sua volta ao Brasil, o mar que ainda lhe trará outras imagens. A sensação de algo para sempre perdido no diário alcança sua maior força na imensidão do mar diante da pequenez e fragilidade da vida encenada por seus personagens em *Limite*, lançado no mesmo ano em que Virginia Woolf publica *As ondas*. Mar reluzindo em que seus personagens naufragam e desaparecem na solidão, mas com beleza – beleza que redime a precariedade de suas vidas pequenas. Mar que não menciona no diário, mas que ao voltar ao Brasil, à Mangaratiba, redescobre em terras, das quais muitas eram de sua família, que lhe falavam de ruínas de um passado rico no século XIX. E ali, “um estranho cavalheiro que ninguém esperava mas que tinha vindo para ficar, na verdade para encontrar o seu próprio destino” (CASTRO, 2000, p. 24). Na região de Mangaratiba, ele encontra não o lugar de onde viera, mas seu futuro e estranho pertencimento, onde filmará *Limite* e próximo do qual viverá cada vez mais perto. O mar, longe de um sentimento nacional ou regional, lhe traz um estranho pertencimento sensorial e sensual, onde talvez o próprio indivíduo só fosse possível desaparecer em meio aos escritos nunca publicados.

Ou naufragar, como Mário Peixoto diria em entrevista a Marcos Tandim e Luiz Henrique Romanholi: “Somos todos naufragos. Não há saída” (CASTRO, 2000, p. 157). Mas o naufrágio é um acolhimento, uma dispersão em meio à água, a um mundo distinto da terra e dos seres que nela caminham e habitam. Não se trata de contemplar, mas mergulhar, ser tomado por, ser estraçalhado em reflexos de luz, tão fugazes como a espuma que bate sobre a areia da praia. Tal qual Timóteo em *Crônica da casa assassinada*, no velório de Nina, quando vê em seu irmão uma “coisa marinha, secreta, como se escorresse sobre ele o embate invisível das águas”, movimento turbulento que parece contrastar com aquele corpo “que parecia aglomerar em si todo o esforço da inatividade, do ócio e o abandono” (CARDOSO, 1963, p. 502). O mar lhe traz outro corpo.

“Abandonar algo é salvá-lo da existência”. Quando ouvi esta frase em *Colônia*, escrita por Gustavo Colombini, dirigida por Vinicius Arneiro e encenada no Teatro Sérgio Porto, não resisti e anotei na frente de *O inútil de cada um* de Mário Peixoto. Aparentemente o oposto do gesto de colher vestígios, traços do passado, que seria, para Walter Benjamin, a tarefa do historiador. Aqui, ao contrário, deixar as coisas, pessoas, fatos no esquecimento é que seria uma forma de salvação. Depois de tudo que foi dito, restaria apenas a maior liberdade decorrente

da invisibilidade, do apagamento, do nada. Deixar o tempo fazer o seu lento e implacável trabalho. Não querer reter nada, lembrar nada. Momento a momento, cada vez mais sem rosto, sem voz, sem presença.

Não sei se o túmulo de Mário Peixoto ainda está no cemitério São João Batista, distante na vida e na morte da família, se ainda existe e se atende a seu pedido em testamento, em que ele fala de si em terceira pessoa como se estivesse imaginando dirigir, como fizera nos muitos anos em que não filmara, seus roteiros e a vida. Esta seria a última cena:

Que o seu corpo seja embalsamado e sepultado no jazigo familiar e perpétuo “Cornélio”, no cemitério da Ordem do Carmo, no cemitério da Ordem do Carmo, Rio de Janeiro; e, que não sendo possível este seu desejo, seja adquirida uma gaveta no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, onde o caixão com o embalsamado será depositado, onde ele testador requisita especialmente um dispositivo, por onde através de um grossa placa de vidro ou o que a técnica mais autorizada sugerir na ocasião, ali possa penetrar uma réstia de luz solar, quando houver, para que o escuro não se perpetue. (CASTRO, 2000, p. 179)

Quando a memória é afirmada e louvada a todo custo como força de resistência, há o gesto liberador do esquecimento. Quando o aparecer e aparência são celebrados midiaticamente, talvez só no desaparecer haja a mais plena liberdade. Retiro uma a uma as marcas do meu corpo.

O desejo de um futuro não por fama, reconhecimento ou inserção no pensamento nacional, mas o desejo de ser salvo, amado no futuro, quando não estiver mais presente. A herança é a de um corpo para outro corpo, de uma sensação a outra. Mas de que me servirá ser amado quando eu não mais for?

Assim, Mário Peixoto encarnou o dilema que João Cornélio Rodrigues Peixoto, seu próprio pai, indicou, reatando pela escrita o que talvez não tenha podido ser feito pela vida:

Há duas espécies de homens de letras: aqueles que escrevem romances, poemas e novelas, e aqueles que os “viveram” antes de os escrever. Os primeiros legam-nos apenas, quando morrem, o mundo fictício de figuras e de sentimentos que a sua imaginação criou; os segundos, deixam-nos mais que isso: a realidade do seu próprio drama; o mundo fremente de seres que gravitam na órbita de sua existência. Uns deixam-nos só “literatura”; os outros deixam-nos vida. (CASTRO, 2000, p. 92)

Referências

ASSANO, G. “‘Teatro Moderno’ e o Teatro de Brinquedo de Álvaro Moreyra”. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 24, p. 81-91, dez. 2012.

BARTHES, R. “Deliberação”. In: *O rumor da Língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 445-462.

CARDOSO, L. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.

CASTRO, E. *Jogos de armar: a vida do solitário Mário Peixoto*. São Paulo: Lacerda, 2000.

COUTO, J. G. “Os dias ingleses: um gênio em formação”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 78, n. 25.274, 14 jun. 1998. Mais, p. 4.

FREYRE, G. *Tempo morto e outros tempos*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

GIORDANO, A. *A senha dos solitários: diários de escritores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017.

GUMBRECHT, H. U. 1926: living at the edge of time. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HOVEY, J. *A thousand words: portraiture, style and queer modernism*. Columbus: Ohio State University Press, 2006.

KAMZELPSKI, A. “Diário e memória”. In: PALMERO GONZÁLEZ, E.; COSER, S. (orgs.). In: *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Letral, 2017. p. 105-115.

MELLO, S. P. *Limite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MELLO, S. P. “Os disfarces de um dândi”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 78, n. 25.274, 14 jun. 1998. Mais, p. 6-7. Disponível em: <https://bit.ly/2JH9Bfj>. Acesso em: 27 mar. 2019.

MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

PALLARES-BURKE, M. L. G. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PEIXOTO, M. *Cadernos verdes*. Rio de Janeiro: Arquivo Mário Peixoto, s.d. Manuscritos.

PEIXOTO, M. *Diário da Inglaterra*. Rio de Janeiro: Arquivo Mário Peixoto, s.d. Manuscritos.

PEIXOTO, M. *O inútil de cada um*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

PESSOA, T. C. *O Império da escravidão: o complexo Breves no vale do café, c.1850-c.1888*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018.

SANTIAGO, S. “Vale quanto pesa (a ficção brasileira modernista)”. In: SANTIAGO, S. *Vale quanto pesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1982. p. 161-174.

SANTOS, C. *Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SEDGWICK, E. K. *Touching feeling: affect, pedagogy, performativity*. Durham: Duke University Press, 2003.

SINFIELD, A. *The Wilde Century: Effeminacy, Oscar Wilde and the Queer Moment*. New York: Columbia University Press, 1994.

submetido em: 22 nov. 2018 | aprovado em: 1 mar. 2019